

# MEMÓRIA E IDENTIDADE NA EDUCAÇÃO XETÁ: UM DESAFIO À RESISTÊNCIA E EXISTÊNCIA

## MEMORY AND IDENTITY IN XETÁ EDUCATION: A CHALLENGE FOR THE RESISTANCE AND EXISTENCE

**Maria Angelita da Silva** | Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Brasil

Doutora em Educação e professora do Instituto de Natureza e Cultura da Ufam. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Cultura, Ciência e Linguagem na Floresta e na Fronteira (GEPFF).

Orcid: [0000-0001-9774-9007](https://orcid.org/0000-0001-9774-9007)

E-mail: [angelita@ufam.edu.br](mailto:angelita@ufam.edu.br)

**Nerli Nonato Ribeiro Mori** | Universidade Estadual de Maringá (UEM), Brasil

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UEM.

Orcid: [0000-0002-6798-5225](https://orcid.org/0000-0002-6798-5225)

E-mail: [nrmori@uem.br](mailto:nrmori@uem.br)

### Resumo

O tema deste artigo é a memória e a identidade na educação e os desafios ante um modelo não indígena que ameaça a promoção e manutenção da cultura do Povo Xetá. O Povo Xetá, povo tradicional do estado do Paraná, teve suas terras ancestrais invadidas e esbulhadas durante o processo de colonização do Norte Pioneiro. São objetivos deste texto compreender a convivência deste povo com outras culturas, no processo de luta pela conquista de seus direitos, e refletir sobre as formas de promoção da Educação Xetá, que cria elementos de resistência na interação com a educação não indígena, instrumentos para estabelecer diálogo com a sociedade não indígena, capaz de promover a manutenção e atualização do trabalho de memória Xetá. Com base numa investigação de cunho qualitativo, o conceito de Memória Coletiva de Halbwachs (1990)

e identidade de Silva (2020) entre outros, confirmam a formação da identidade e a educação como resistência, tema tão caro aos estudos dos Direitos Humanos de povos indígenas.

**Palavras-chave:** memória, educação, identidade, resistência.

## Abstract

The theme of this article is memory and identity in education and the challenges faced by a non-indigenous model that threatens the promotion and maintenance of the culture of the Xetá People. The Xetá People, traditional people of the state of Paraná, had their ancestral lands invaded and dispossessed during the colonization process of the Pioneiro North. Is the objective of this text to understand the coexistence of these people with other cultures, in the process of fighting for their rights and reflect on ways to promote Xetá Education, which creates elements of resistance in the interaction with non-indigenous education, instruments to establish dialogue with society non-indigenous capable of promoting the maintenance and updating of the Xetá memory. Based on an investigation of a qualitative nature, the concept of Collective Memory by Halbwachs (1990) and identity by Silva (2020), among others, confirm the formation of identity and education as resistance, a topic so dear to studies of the Human Rights of indigenous peoples.

**Key words:** memory, education, identity, resistance.

## Introdução

Em tempos antigos<sup>1</sup>, a Educação Xetá era transmitida de pai para filhos, filhas, netos, netas, sobrinhos, sobrinhas, tendo na linguagem oral, práticas do dia a dia e no trabalho, instrumentos por excelência de promoção e transmissão da cultura.

É disso que trata este artigo: os desafios a partir da convivência com o mundo não indígena foram imensos e múltiplos, e não poderiam deixar de ser também de ordem econômica, de manutenção material da vida. Tikuein, patriarca de uma das famílias e um dos guardiões da memória ancestral Xetá (SILVA, 1998) passava 60 dias fora de casa, trabalhando em lavouras longínquas, e 15 dias com a família, de modo que a transmissão da cultura e língua eram passadas aos filhos mais velhos do sexo masculino que o acompanhavam para trabalhar. Portanto, esses filhos, que não frequentaram a escola formal, são, no entanto, os que promovem a transmissão dos saberes dos ancestrais.

“Atualmente, a educação escolar formal toma um tempo significativo na dinâmica do nosso povo”, destaca um dos filhos de Tikuein, que é professor. E uma filha, também professora Xetá, reforça:

A inclusão das novas tecnologias da informação e comunicação, assim como a escola formal, que muitas vezes, devido às diferenças culturais, pode se tornar um obstáculo na transmissão e manutenção da Cultura e História Xetá - e esses são alguns dos desafios a serem considerados na reflexão e fortalecimento da luta Xetá.

A ideia que se funda na nossa experiência acadêmica e militante é de que as ações de produção e investigação etnográfica sejam realizadas em comunhão com os atores da História do Povo Xetá. Realizamos, assim, o trabalho de memória e reflexão sobre a formação da identidade Xetá com os pares Xetá, sujeitos da investigação e, no processo, também autores deste trabalho.

---

<sup>1</sup> O que acontecia antes e depois do esbulho que ocorreu entre 1946 e 1956, como forma de resistência pedagógica. Para saber mais consultar C. Silva (1998; 2003); M. Silva (2017; 2020).

Ao se pensar sobre a importância de o Povo Xetá escrever sua história, em detrimento de pesquisadores alheios à visão de mundo Xetá e, muitas vezes, com instrumental que não alcança a dignidade e especificidade desse povo, a seguinte reflexão problematiza a questão: “Temos mais chance de que essa história seja correta, do ponto de vista dos fatos que sejam descritos por nosso povo, essa trajetória de luta por existência do nosso povo”.

Essa é uma reivindicação Xetá. No entanto, acolhe toda e qualquer contribuição acadêmica e técnica, desde que não venham imbuídas de uma verdade ideológica que retire o povo em questão do protagonismo de contar sua história e da formação educacional dos seus. Por isso, a tutela tem sido denunciada como crime contra a humanidade e identidade desse povo e de tantos outros que, historicamente, tem enfrentado essa condição imposta, inclusive oficialmente.

Ao longo deste artigo, será possível perceber o jeito Xetá de educar, baseado numa forma genuinamente expressa na práxis de quem resiste a um mundo hostil e absurdamente diferente em seu conteúdo e forma de existir. Não seria perturbador a diferença pela diferença? Afinal, a diversidade está colocada na ordem do dia como desafio e riqueza. No entanto, não foi assim e não tem sido assim que o Povo Xetá tem experimentado essas diferenças ao longo do processo ininterrupto de colonização (SAID, 2011). As diferenças são marcadas na sua negatividade, exposta pelo prefixo não (não civilizado, não racional, não responsável...), adotada pelo colonizador e sua racionalidade.

Destacamos, no texto, as formas de educar e transmitir a cultura Xetá - através do trabalho de memória - como herança e arma de resistência. Os desafios de Educação Xetá também são apontados quando o assunto são as tecnologias da informação e comunicação (TICs).

O trabalho de memória é expressão de afetos e exercício contínuo de formação de identidade. A problematização é proposta de modo a criar mecanismos de resistência,

quando o conceito de memória ganha status de promoção de outras verdades, quais sejam, outras versões – em detrimento de algumas, dadas como oficiais – promovidas na coletividade e multiplicidade de atuações do Povo Xetá. Assim, iniciamos nossa reflexão, encorajadas, encorajados pela possibilidade da novidade, no ato político que é pensar, suspeitar, registrar, fazer trabalho de memória atual e ancestral.

## **Memória e identidade na Educação Xetá hoje: um desafio para resistência e existência**

A trajetória desse povo tem muito a nos comunicar - a última etnia a sofrer os impactos com a sociedade nacional no estado do Paraná - porque os sobreviventes do seu (quase) extermínio, oficialmente registrado pela etnografia brasileira (SILVA, 1998; 2003), foram crianças, cinco meninos e três meninas. Atualmente, sabemos, existem outras, outros. Essas oito crianças sobreviventes são responsáveis por uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xetá, pela construção da Memória da Infância Xetá (SILVA, 2013; 2017). Mais do que isso, responsáveis pelo trabalho de memória atual, que tem na Educação Xetá seu maior elemento identitário.

A formação da identidade Xetá é resultado dessa dinâmica, mas não apenas da memória ancestral, também da atual e suas relações, conexões, aproximações e distanciamentos. Mori (1998) trabalha com o pressuposto da memória como instrumento de construção e reconstrução da identidade, e esse é um pressuposto teórico importante para buscar compreender a formação da identidade Xetá.

Nessa direção, é salutar a contribuição da obra Memória Coletiva, (HALBWACHS, 1990) enquanto conceito a confirmar os aspectos que faz dessa teoria da Psicologia Social um anúncio, muitas vezes denúncia, de como essas crianças reagiram e sobreviveram num mundo absolutamente hostil, absurdamente diferente em seus modos de ser, agir, pensar e existir, tendo na memória seu instrumento de resistência identitária.

Nessa narrativa e trabalho de memória que nos dispomos a realizar é possível contemplar o jeito Xetá de educar, pois a professora Xetá, filha de Tikuein, afirma:

É muito importante para o Povo Xetá! Lutei até agora, de criança eu conversava muito com o pai e ele dizia: “Minha filha, eu estou passando as Histórias para vocês, um dia eu não vou mais estar aqui, porque o pai já está mais velho. Então vocês colocam na cabeça o que estou ensinando para vocês, porque quem é que vai dar continuidade para nossa cultura são vocês.”

Nas narrativas é possível destacar a intencionalidade do ato educativo, seu engajamento político e o contexto de luta e conquista daqueles direitos fundamentais que lhes foram negados e que, ao longo do processo de esbulho e colonização, foi se desenhando enquanto realidade para o Povo Xetá. Nesse sentido, a professora Xetá faz a seguinte reflexão:

Tikuein, meu pai, viajava muito, ia mais os meninos, os irmãos viajavam mais com ele. Daí uma época, aliás, eu estava grávida da minha menina, essa mais branquinha. Ele disse: “Não filha, agora eu vou fazer diferente, os meninos já estão preparados, eu quero preparar uma das filhas e eu quero você”. Daí, menina, eu naquele barrigão meu, não, mas eu vou! Me virei e tudo, ajeitei, daí não sei o que aconteceu, acabamos não indo. Não sei o que aconteceu, ele disse: “Não, minha filha, não foi dessa vez, que eu quero, os meninos estão preparados, e eu quero preparar você! Eu quero que você seja..., não tenha vergonha de falar! Porque o pai não tem vergonha de falar.” Ele falava mesmo, “não tenha vergonha de falar” ele falava mesmo, “nós não somos advogado, promotor, nós fala do nosso jeito, do nosso jeitinho humilde, indígena mesmo. Mas não tenha vergonha de falar, não!” Ele falava para mim. Até então eu não tive oportunidade de viajar com ele. Mas nas palavras que ele falou para mim, eu fui lutando, estudando depois de velha. Criei tudo, meus filhos, e voltei na escola. Eu quero e vou, se Deus quiser, eu vou conseguir! E graças a Deus eu consegui, hoje eu estou aqui como professora Xetá. Lutar pelo meu povo é um orgulho muito grande. E eu falo para você, eu só vou parar de lutar depois que eu estiver morta, né. Por que, como lutar depois que já tenha morrido? Mas enquanto eu tiver forças eu vou continuar lutando!

A Educação Xetá era diferente da educação escolar não indígena, quanto a isso não há dúvidas. Mas em que tipo de implicações essas diferenças contribuem para a educação e formação da identidade Xetá? A formação da identidade Xetá é prevista como direito à manutenção e promoção do patrimônio intelectual e cultural Xetá? Tikuein tinha a intenção de educar os filhos, filhas para a luta, para a resistência da cultura. Corroborando com essas indagações é possível observar que sim, ele promovia que os

pequenos, os filhos mais velhos, ainda crianças, viajassem com ele, longe e desenvolvia assim uma pedagogia Xetá.

Nesse sentido, em viagem a Brasília, Distrito Federal, no mês de abril de 2017, um dos filhos de Tikuein (*in memoriam*), recordava que certa vez, ainda muito jovem, viajou para Pernambuco com seu pai Tikuein, numa mobilização com os parentes. A educação que esse pai Xetá desenvolveu era de formar para a luta e resistência. Formar o Povo Xetá na cultura, não na escola. Era viajando em mobilização de luta, era no meio do mato, na lida com a roça.

Outro filho de Tikuein conta que era pequeno e o pai o acordava às quatro da manhã e o chamava: “Vamos para a roça”. E nesse caminhar, nesse ir para a roça trabalhar, ia contando da cultura, dos feitos dos mais velhos, dos ancestrais.

O irmão mais velho, enteado de Tikuein, comenta que sabe contar *muita história do pai*. Que para eles *aprenderem* a comer coró - bichinho que dá no coquinho de palmeira -, uma iguaria nutricional do Povo Xetá, era mais de dez na turma de crianças a vivenciar essa experiência de coletar e comer o coró.

O que é flagrante é que, ao discorrer sobre as lembranças e memória da infância Xetá, a palavra *aprender* está compreendida desde guardar uma história contada dos ancestrais, até os aprendizados mais práticos de identidade cultural, como é o caso de comer coró. No relato da memória da infância concluímos que tudo é aprendizagem e tem um valor pedagógico, só que é uma escola diferente, que tinha na sistematização de uma formação para a resistência e manutenção da cultura Xetá sua principal característica, sendo, portanto, central para a formação da identidade na cultura.

Não era postura ingênua, espontânea, sem planejamento. Pelo que filhos e filhas de um dos três guardiões da memória Xetá contam, havia método, intencionalidade no trato dos conhecimentos ancestrais e atuais e uma conexão robusta entre eles. É o que confirma o relato de uma das filhas de Tikuein:

Parece que ele, eu fico a pensar, já estava prevendo, o que ele tinha que deixar. “Já têm os meninos que estão sendo preparados, eu quero preparar uma mulher Xetá e eu quero você filha” E, eu nem aqui na TI de São Jerônimo eu morava, eu estava lá no Lambari. Em 2004, eu vim para cá, estava grávida, nada me caía bem, eu comprei até uma sandália fiado. Eu voltei morar aqui em 2005, quando ele ia fazer uma viagem para Brasília - DF, para contribuir com as pesquisas acadêmicas na UnB.

O filho mais velho, enteado de Tikuein, no exercício de memória, lembra que com uns seis anos seu pai lhe contou como seu avô Mã, que vivia no mato antes da invasão da colonização, morreu envenenado, pois ele comia bichos do mato e comeu uma cobra envenenada. “Muitas coisas o pai passou para mim, eu era o mais velho”.

O filho caçula de Tikuein viveu essa experiência de transmissão da cultura oral na outra ponta, sendo o filho mais novo, nem por isso sua experiência foi menos sistemática e rica. Em 27 de novembro de 2016, por ocasião do velório da viúva de Tikuein, algumas pessoas recordavam que sua mãe tinha o dom do benzimento, o dom da cura e passou o dom e técnica ao caçula de desfazer ventre virado, por exemplo, pois, por ser o filho menor, a acompanhar por mais tempo a sua vivência e sabedoria, herdara assim seus conhecimentos. A criança ao acompanhar a mãe e suas visitas de cura, aprende o ofício terapêutico na prática dessa vivência, na práxis (FREIRE, 1996).

Outra lembrança que foi destacada no velório da viúva de Tikuein é que os filhos e filhas mais velhos iam para a roça e Tikuein e sua esposa, já idosos, cuidavam dos mais novos e dos netos e netas. Durante à noite faziam uma fogueira para aquecer as crianças, meninos de um lado, meninas do outro, pois os cobertores eram escassos, assim como o alimento, pois, nos relatos saudosos no velório, foi dito que a comida era repartida entre as crianças e que Tikuein e sua esposa comiam por último o que sobrava.

A Educação Xetá era transmitida em família, de pai para filho, hoje tem a educação escolar também, uma peça a mais nesse mosaico de resistência cultural (FREIRE, 1982). Contudo, há desafios e contradições. O filho caçula de Tikuein, como professor Xetá e irmão mais novo, tem uma percepção que merece atenção, no sentido de dar uma contribuição salutar à reflexão sobre a Educação Xetá hoje.

O desafio que eu considero mais complicado são esses jovens que estão vindo agora. De primeiro a gente tinha convivência com os pais, com os mais velhos, os irmãos mais velhos. Antigamente, a experiência que a gente viveu era tudo junto, tanto faz como na roça ou num dia de lazer. Agora as crianças vão para escola, a experiência já é outra. Mas a gente luta para poder permanecer e cultivar a História antiga dos mais velhos, contada, porque a gente não pode deixar morrer junto com eles. Porque o que a gente aprendeu a gente passa para as crianças, faz de tudo para eles aprenderem, para preservar a Cultura Xetá. O desafio maior que a gente enfrenta hoje é esse.

Essa é uma especificidade da Educação Xetá, em tempos passados: acontecer tudo em família, na coletividade das ações: vai todo mundo pescar, vai todo mundo para a roça, vai todo mundo banhar no rio, na cachoeira, vai todo mundo trabalhar, vai todo mundo à noite em volta do fogo contar “causos”, histórias dos ancestrais. Por um lado, a proposta da escola ao invés de ajudar, atrapalha um pouco, porque o tempo/espço de aprendizado é drasticamente modificado, um novo formato se inaugura e invade a dinâmica cultural de grupos que não se fiam pelo modelo educacional em que a escola ocidental foi criada, foi imaginada.

Aliás, na História da Educação, o contexto de necessidade da criação da escola nesse formato apresentado atualmente tinha uma razão de ser, um projeto pedagógico muito específico para um tipo de sociedade que se desejava forjar (SAVIANI, 2008).

Ora, as populações indígenas desenvolvem uma dinâmica peculiar, originária de suas necessidades, que tem na manutenção e transmissão da cultura armas de resistência. A escola como formação sistematizada para o mundo do trabalho, nesse caso, é apenas um lado da questão que se coloca para populações indígenas.

A transmissão dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade e técnicas que possam aparelhar para a formação educacional são apenas um aspecto dessa formação: educar para o mundo do trabalho, alguns diriam. É preciso reconhecer na cultura tradicional um aspecto imprescindível desse acúmulo de conhecimento, dando a esses conhecimentos culturais o mesmo status.

Para ilustrar o tema apresentado podemos citar o III Encontro de Educação Superior Indígena no Paraná (Eesip), realizado no campus da Universidade Federal do Paraná (UFPR), campus Matinhos, entre os dias 14 e 16 de setembro de 2011. Em umas das mesas de debate a discussão era “Articulação da Educação Escolar Indígena – da educação infantil à pós-graduação – no contexto dos territórios etno-educacionais”. Um professor indígena definiu tempo, espaço e visão da criança na cultura indígena, afirmando que ela sempre está brincando e que para a criança tudo é aprendido:

A questão de observar a atitude da criança, (...) o papel do professor é muito importante por estar fazendo o papel daquela comunidade: trabalho coletivo, atividade coletiva, repassar aquilo que está sendo passado na aldeia, (...) o que está passando na aldeia: cerimônia, batismo de semente, preparativo de plantio. Tudo isso é passado para criança no planejamento da escola, de acordo com o PPP. (...) Para a comunidade tanto o professor cumprir e colocar em prática isso (...) com a sua organização própria com sua comunidade. (...) O que tenho que repassar para a criança Guarani? Isso eu pratiquei com uma disciplina que a comunidade tinha escolhido. A parte da avaliação como a criança aprende e não aprende. **Exigir que a criança faça da forma que você planejou, a criança fica irritada. A criança tem um jeito de aprender. A questão de aptidão, habilidades. A criança não se sente com liberdade, tem que fazer, tem que registrar** (grifo nosso) Só comecei a gostar de matemática quando percebi a necessidade de mexer com dinheiro, quantidades de semente... (...). O interesse como valor de ação. O artesanato também oferece para criança aprender fração, coordenação motora. A dança também, a criança aprende sozinha: o ritmo, o canto. Culturalmente a criança Guarani não pode ficar perguntando, a criança pode participar de tudo, mas só ouvindo. (...) A criança corre para buscar o conhecimento próprio, não se pergunta para ninguém, fica pensando sobre o que ouviu (TTA/EEI – 16/09/2011– Acervo LAEE/PCA em SILVA, 2017, p. 91).

Nesse sentido, o impasse é que as populações indígenas são educadas de outra forma. A Educação Xetá, assim, corresponde a esse modo diferenciado que tem a ver com fronteiras simbólicas, onde mundos muito distintos se tocam e precisam dialogar. A narrativa da professora Xetá expressa isso.

Nós fomos educados de outra forma, eu lembro bem. Antigamente a tecnologia não era assim tão avançada, nós não tínhamos luz, a água a gente tinha que buscar na mina. Por que que a gente tem hoje a História viva na cabeça da gente, que o pai contava para nós? Aí não tinha luz, o nosso pai fazia fogo no chão, a lamparina a óleo diesel e, enquanto a mãe estava com as panelas, a gente estava em volta dele e o pai contava as histórias para gente.

No mesmo sentido de reflexão, a professora Xetá, uma das filhas de Tikuein problematiza:

Até sobre isso, eu entrei em discussão dentro da sala de professores, porque entrou em discussão as vantagens e desvantagens das tecnologias. E eu comentei, ela é boa num ponto e ruim no outro. Porque nós tínhamos diálogo com nosso pai, nós escutávamos a História do Povo Xetá. Hoje em dia a gente tem que tomar o celular da mão do seu filho, porque você está conversando, eles não estão prestando atenção em você. Eles estão lá conectados. É uma coisa boa, e na verdade estorva, aí a gente vai contar uma História para eles, eles: “Hã, ãhã, tá...” Tem que tomar da mão e dizer: “Escuta! Eu estou falando.” Antigamente, a gente não era assim, a gente ficava todos em volta do fogo! O pai falava, a gente prestava atenção, a gente guardava na nossa cabeça. E hoje já não é assim!

É salutar, para a compreensão da transmissão e Educação Xetá, conhecer as narrativas contidas na tese de Carmem Lucia da Silva, *Em Busca da Sociedade Perdida: o trabalho de memória Xetá*, por serem expressão da Educação Xetá, transmitida de pai para filhos, filhas.

A antropóloga expressa que “podemos organizar as modalidades da narrativa Xetá nos seguintes gêneros: narrativas míticas, episódicas, lúdicas, do contato, biográficas, sociológicas e dos rituais” (SILVA, 2003, p. 73). Não há dúvidas da intencionalidade educativa de Tikuein, pois a postura e pensamento da professora Xetá acabam por indicar que a Educação Xetá que ela recebeu de seu pai como herança, resiste. No capítulo dois da tese, Silva (2003) descreve e exemplifica a Educação Xetá. Tikuein, sobre o ato de narrar, expõe:

Às vezes eu fico deitado, recordando tudo e todas as coisas que a gente passava nessa nossa terra (...). É de noite que eu penso, porque era de noite que a gente se juntava todos e conversávamos e contávamos histórias. Era nessa ocasião que a gente, que era criança, aprendia ouvindo e guardando os ensinamentos dos velhos na cabeça, no que vocês brancos chamam memória. Era quando a gente, que era criança, tudo ali, ouvia os mais velhos contarem histórias, e contarem um para o outro o que tinha acontecido com eles. A gente conversava sobre tudo. A gente tinha jeito para contar história, tinha hora e motivo para contar (...). (comunicação pessoal de Tikuein, em Londrina, 2002, registrado em SILVA, 2003, p. 52).

Ainda na mesma tese, sobre a arte de contar histórias (nos termos de BENJAMIN, 1994), a autora afirma “as histórias podiam servir para divertir ou para ensinar e havia pessoas definidas para narrá-las com condutas e posturas apropriadas” (SILVA, 2003, p. 63).

E por efeito dessa educação recebida e transmitida é que ao ser indagada na sala de professores sobre educação escolar e educação tradicional, a professora Xetá expressou:

Então na sala de professores, a outra professora da escola indígena perguntou: “Como você vê hoje? Você acha bom? Ou acha ruim?” Eu respondi: “Eu acho uma porcaria, porque antigamente, se a gente hoje tem as histórias e nossa História, a nossa cultura guardada no coração, guardada na nossa memória, é porque não tinha luz elétrica, não tinha essas coisas avançadas, não tinha televisão, nada. A televisão nossa era o fogo, a televisão nossa era nosso pai a contar histórias. Hoje em dia não, hoje em dia já bagunçou tudo.

A reflexão (denúncia) da professora Xetá, vai além do saudosismo. Não se deve interpretar apenas sob a ótica do saudosismo, porque há uma crença ideológica de que o passado é sempre melhor, inclusive na cultura ocidental não indígena. No entanto, esse saudosismo se traduz como denúncia de uma violência constante com que a visão de mundo indígena vem sendo atacada por outra racionalidade, pautada na produção, consumo e descarte de bens numa velocidade cada vez maior. Assim como o consumo dos bens que a alimenta, a vida no mundo moderno também se torna efêmera em seus fundamentos culturais, em suas raízes cotidianas. “A vida líquida é uma vida de consumo” (BAUMAN, 2009, p. 16) e a reflexão precisa ser aprofundada no sentido de perceber que:

...o indivíduo que culturalmente não encontra razão para estabelecer esse consumo organizado sistematicamente, e se situa alheio a ele, já que seu modo de vida (sólido) não corresponde ao modo de vida líquido. Ele sim é descartado dessa ordem mundial, não por sua “pobreza” ou incapacidade de consumo, mas, para, além disso, por sua forma de existir ser uma afronta e uma ameaça ao padrão estabelecido. (SILVA, 2017, p. 34)

Assim a professora Xetá conclui:

Com isso a gente tem que pegar firme para educar nossos filhos do nosso jeito, como nós fomos educados. Só que mesmo com todo empenho a gente não consegue ainda, a gente não consegue. Você sabe a cabecinha desses

adolescentes nos dias de hoje, já é outra coisa, isso eu acho errado, mas mesmo assim eu sento com eles, eu tomo as coisas deles, e digo: “Nós fomos criados assim e é assim desse modo que eu quero transmitir para vocês: a Educação Xetá, vocês vão pegar um pouco do que o pai e mãe ensinou para nós.” Por mais que eu não consiga transmitir integralmente os ensinamentos do meu povo, pelo menos um pouco eu vou sim, um pouco eles põem na cabeça.

“Ainda há interesse das crianças, ainda há”, diz o filho mais novo de Tikuein, “porque nós aprendemos e temos que estar acochando para eles aprender um pouco da nossa cultura”.

Para ilustrar, numa brincadeira de inventar histórias, promovida pela professora Xetá com seus alunos Xetá, teve uma criança que disse: “Eu tenho orgulho de ser Xetá, eu gosto de ser Xetá!” Outra criança na roda, disse assim: “Nosso avô lutou, morreu lutando e agora a gente vai continuar lutando!” Crianças entre 9 e 11 anos. É um jeito da gente saber que o que a Educação Xetá está apresentando, está tendo ressonância na vida e memória atual do Povo Xetá, especialmente nas novas gerações. Têm os desafios, mas também a transmissão da cultura Xetá está cumprido seu papel.

E na continuidade do ato narrativo, a professora Xetá expõe:

Triste também foi quando o pai faleceu, eu lembro bem. Porque até então ele faleceu lutando e isso causou um grande pesar. Teve quem pensou e falou: “Eu vou largar tudo!” Mas com aquela tristeza no coração, aquela tristeza profunda, eu peguei e falei para meu irmão: “Não, como que nós vamos deixar morrer? Tudo que o pai lutou a gente vai deixar enterrar junto com ele? Ele não vai gostar disso!” “Ele deixou preparar vocês, quis me preparar, mas não deu tempo”, falei com tristeza no coração, com aquela tristeza profunda, eu falei: “Então não vamos deixar morrer, vamos LUTAR!” Eu falei com tristeza mesmo, mas eu disse: “Nós vamos dar continuidade, eu falei, nós vamos dar continuidade!” E ele chorando, meu irmão, impactado com a força da notícia da morte de nosso pai.<sup>2</sup> Meu irmão olhou para mim e disse: “Então irmã nós vamos dar continuidade!” E estamos aqui hoje, estamos aqui lutando. Nós não tínhamos que deixar, nosso pai ia ficar triste. Ele morreu lutando e a gente ia deixar a luta morrer com ele?!

---

<sup>2</sup> Tikuein Ejratxó morreu em dezembro de 2005, em visita a Brasília. Fora convidado para trabalhos de memória Xetá pela Universidade de Brasília (UnB), pelo linguista Aryon Rodrigues. O motivo de sua morte não foi totalmente esclarecido, segue arquivado o inquérito policial, mesmo com a solicitação do Ministério Público Federal (MPF) de desarquivamento para averiguação.

Com tom de denúncia e indignação, quando o tema é manutenção da cultura e existência atual Xetá, a filha de Tikuein, a professora Xetá expõe:

A educação do branco entende que nossa cultura para ser Xetá, tem que ser feita de gente Xetá, e uns repórteres, certa vez, veio falar para o nosso pai, o deixando muito impactado e indignado, porque disse que para ser Xetá legítimo, Xetá tinha que casar com Xetá. Nosso pai ficou tão bravo. Como que vai casar irmão com irmão? O colonizador tentou exterminar nosso povo, quase acabou com tudo, agora vocês vêm impor condição ignorante para existirmos oficialmente como Povo Xetá?

Na mesma direção, anos mais tarde, 2016, um historiador e pesquisador<sup>3</sup>, em entrevista à RPCTV<sup>4</sup>, afiliada da rede Globo, expressou a mesma tese de extinção, ao ser entrevistado sobre o tema Xetá na região de Umuarama, PR:

(...) Ela é considerada uma etnia extinta, pela FUNAI, exatamente em decorrência dos indivíduos que, genuinamente, são Xetá. (...) se os descendentes, realmente, fossem, de Xetá com Xetá, aí sim, seria mais um Xetá de fato, mas como houve miscigenação, tanto com outros povos indígenas, quanto com o não indígena, então a FUNAI, já não os considera.

O curioso é que pesquisas recentes (SILVA, 2017; 2020) refutam essa tese. Aliás, a instituição mencionada declara em documento atual, onde a coordenadora geral de Identificação e Delimitação da Funai, em 24 de janeiro de 2013 declara:

(...) Ela explicou que existe o empenho da DPT/FUNAI em concluir o procedimento de identificação e delimitação da TI Herarekã Xetá/PR.(...) Ela esclareceu que a FUNAI não tem dúvida sobre a existência atual do povo Xetá e que a terra desse povo será demarcada (SILVA; 2017, p.323)

O que podemos destacar é que as diversas versões são a base da luta pela existência atual e garantia de seus direitos, um deles, a Educação Xetá. E essa educação que, antes do esbulho e colonização, era na beira do fogo, indo pescar, coletar, caçar, banhando na cachoeira ou trabalhando na lida, na roça, todos juntos, e toda a Cultura e Educação

<sup>3</sup> Dissertação defendida pelo referido pesquisador: REBECCHI, M. **Entre A Colonização do Noroeste do Paraná e a Preservação da Memória de um Povo Esquecido**: Os Xetá. 2014. 97 Dissertação (Mestrado em História) Maringá, PR: Universidade Estadual de Maringá., 2014.

<sup>4</sup> Nas mídias, a tese da extinção do Povo Xetá se impõe: RPCTV (filiada da Rede Globo), programa Televisando, publicado em 9 de março de 2016: Conheça um pouco mais sobre a história dos índios Xetá. Disponível em : <http://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/paranatv-1edicao/videos/t/edicoes/v/televisando-conheca-um-pouco-mais-sobre-a-historia-dos-indios-xeta/4870765/>. Acesso em: 19 de ago. 2018. A reportagem aponta o Povo Xetá como sendo considerado extinto pela Fundação Nacional do Índio (Funai).

Xetá ia passando de pai para filho: as histórias do mato, dos antigos, os conselhos dados. Agora tem a escola, tem as tecnologias da informação e comunicação. Tem também os livros didáticos de História e Geografia do Paraná<sup>5</sup> a disseminar a tese da extinção, cometendo uma das violências mais significativas ao Povo Xetá e suas crianças, que são forçados a aprender nos livros didáticos que estão extintos. Mais grave, se é que se pode mensurar maior gravidade e crime, são as crianças do estado do Paraná, todas elas, que têm direito a esse patrimônio paranaense, sendo privadas desse direito, por aprenderem que o Povo Xetá foi extinto.

Na base da resistência Xetá, um sábio Xetá, outro filho de Tikuein, contra-argumenta sobre a tese de extinção, e ao contrário dos livros didáticos, diz que a intenção de limpar um mato na reserva indígena - onde vivem agregados, com os povos Kaingang e Guarani - é de reunir os filhos, netos, sobrinhos, para ele repassar as histórias que compõem a cultura e mitologia Xetá. Essa é a intenção do líder Xetá, em resposta aos desmandos da sociedade nacional a criar “estatutos de verdade” a ferir a dignidade dessa gente valente paranaense: a formação das crianças e jovens Xetá no modelo ancestral.

Um Centro Cultural Xetá<sup>6</sup> vem ao encontro desse objetivo de manutenção e transmissão da Cultura e da Educação Xetá, uma reivindicação Xetá. Um dos filhos de Tikuein, que o acompanhava desde a mais tenra infância, reforça a intenção do irmão quando

---

<sup>5</sup> A editora Ática tem publicações de livros didáticos de 2010 a 2016 – 1ª edição, 1ª, 2ª e 3ª impressão com o mesmo conteúdo em que se expressa a extinção, quando afirma que a população Xetá foi reduzida para apenas **sete pessoas**. A editora Positivo em livros didáticos de Geografia, História, Arte e Cultura do Paraná (2014), adotado pela Secretaria de Educação no município de Maringá -PR, cujo conteúdo é o mesmo da extinção do Povo Xetá. No livro de Geografia do Paraná, de 2011, na 1ª edição, 2ª impressão, p. 111, também há informação de que restaram apenas **dez pessoas** sobreviventes, reiterando, portanto, a tese da extinção do Povo Xetá.

<sup>6</sup> A Aiex – Associação Indígena da Etnia Xetá preencheu editais para obtenção de recursos para a construção de um espaço de manutenção e Educação Xetá, mas não obteve sucesso. Pretende-se criar um memorial para reunir a cultura material, por exemplo, que está espalhada em acervos familiares e institucionais, pois as alegações para que esses materiais e documentos não estejam em posse do Povo Xetá, como patrimônio cultural e intelectual, pontuam a falta de condições logísticas e técnicas de manter um acervo. Com os incêndios do Museu da Língua Portuguesa e do Museu Nacional recentemente, podemos problematizar o argumento de garantia de preservação desses acervos. Muitas vezes, a cultura material desses povos é mantida nesses acervos institucionais, sob essa justificativa.

apresenta que o forte da Cultura Xetá é o fogo. “Nós não fazemos nada sem o fogo, tudo o que vai fazer o fogo está presente: para contar uma história, para uma comemoração, até para ‘jogar conversa fora’ na beira do fogo. A todo momento, a todo momento”.

Aliás, numa noite, foi feito o fogo para comemorar a visita de Tiguá, uma das sobreviventes da tentativa de extermínio e seu neto, um jovem Xetá, de dezoito anos. Vieram visitar os parentes, e até tarde se reuniram em volta do fogo, assando batata doce, mandioca e lembrando os casos antigos dos ancestrais. A irmã mais nova Xetá indagou se alguém havia filmado esse momento. ã e Tiguá, duas anciãs e sobreviventes da tentativa de extermínio, em volta do fogo a recordar as histórias Xetá. Muitas fotografias de celulares foram registro desse momento. Mas, infelizmente, não houve filmagem. O fato é que o povo se mobilizou para que na noite seguinte o fogo fosse aceso novamente para continuar as homenagens aos ancestrais e ensinar as crianças sobre a cultura, dessa vez com registro em vídeo, pelos celulares. Nesse caso, podemos observar o *bom uso* das tecnologias da informação e comunicação!

“Nesse sentido, o sábio Xetá é historiador e pode passar uma mensagem da nossa cultura, para nós, diz o irmão mais novo”. Outro irmão, o mais velho de todos, enteadado de Tikuein, toma a palavra para lembrar de que vendiam serralha para poder comer, para comprar alimentos para os pequenos não morrer de fome. O outro, caçula, que herdou os ensinamentos de cura com sua mãe e seu pai, nasceu na Queimada, em Ortigueira, PR, cuja casa era um rancho, na beira de um barranco. O desafio de educar Xetá também passa pela questão econômica.

Sobre isso a professora Xetá declara:

Nosso pai e nossa mãe sofreram bastante, eu me recordo. Foi sofrido. Eu faço as minhas crianças sentar, escutar e conto para eles a dificuldade que nós tivemos. Sabe o que o pai fazia? Ele pegava a mochilinha dele, por isso que ele não ensinou nós muito a língua, nós criançada, o único que acompanhava ele era os irmãos mais velhos. Ele pegava uma mochilinha com uma peça de roupa e saía sem falar para mãe para onde ele ia. Com sessenta dia, ele chegava. E a mãe ficava conosco. Ele chegava com o dinheiro e quando nós percebíamos que ele estava vindo. Ele podia jogar a mochilinha

dele porque todos nós crianças já grudava no pescoço dele. Com isso ele chorava, ele chorava abraçado em nós. Depois de sessenta dia longe de nós. Ele chorava, nós abraçando ele. Trazia o dinheiro para fazer compra para nós. Era muito triste, ele ficava conosco duas semanas e depois de duas semanas ele tinha que fazer a mesma coisa. O irmão mais velho, era o irmão mais velho que acompanhava mais o pai nessas viagens de busca da sobrevivência.

O sábio Xetá, filho de Tikuein, diz: “Por que todas as histórias estão guardadas comigo? Minha vida inteira eu passei junto com ele, trabalhando junto com ele, para ajudar a tratar desse povo aqui.”

Isso que está sendo relatado neste trabalho de memória, de filhos e filha de Tikuein, é a Educação Xetá na sua essência, o que não quer dizer que os conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade não estejam também no horizonte das necessidades de formação do povo atualmente. Contudo, a educação escolar é uma exigência do branco, o filho do branco tem que ter a transmissão do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade; seu conhecimento ancestral e cultural, preferencialmente, na educação escolar. Hoje sabemos que outras formas de educação formal existem e são bastante eficientes no ato político que é educar para uma dada sociedade, a televisão e outras mídias são um bom exemplo.

As populações indígenas têm na educação de pai para filho, na transmissão oral, coletiva, afetiva, um caráter pedagógico de primeira grandeza. Se na sociedade não indígena a criança vai para escola também como uma forma de liberar os pais para o mundo do trabalho e, nesse trabalho a criança não tem parte, nas sociedades tradicionais é diferente, o trabalho comunitário é uma vantagem na manutenção e transmissão da cultura.

Portanto, as exigências de itinerância na atividade de trabalho remunerado dificultaram a Educação Xetá no passado, mas não a impossibilitaram. Pois os sessenta dias de exílio, longe do povo, Tikuein usava para formar os filhos mais velhos, para que os filhos mais velhos pudessem depois transmitir a cultura.

Nesse sentido, a professora Xetá afirma que “não há vergonha de contar que nós não tínhamos roupa, nem calçado, nós não tínhamos uma cama com colchão para nós

dormir. Nossa mãe pegava pano velho e emendava e forrava no ladrilho para nós crianças deitar”.

A professora Xetá recorda que:

Com isso ela chorava, ela com o pai: “Quando que eu vou dar um conforto para os meus filhos?” Nós sofríamos muito, foi muito sofrimento, meu pai saía chorando. Hoje eu conto para os meus filhos, nós sofríamos muito. Minha mãe pegava um par de chinelos e dava um pé para cada uma de nós, para andarmos com um pé descalço no mato e o calçado na areia quente para ir para escola. Ao chegar na sala de aula ela pegava o chinelo dela e eu entrava na sala de aula descalço. Porque nem isso meu pai conseguia, ele só conseguia dar comida para nós. Ao passo que a Educação Xetá na beira do fogo, na beira do rio, não havia as exigências da escola. Mas, depois, era preciso frequentar a escola sem as condições econômicas necessárias. Como cidadãos e cidadãs nós tínhamos que frequentar a escola, nossa bolsa era um saquinho de plástico, de arroz. Quando chegava um saquinho de arroz novo, a gente brigava para colocar nosso caderno dentro. Hoje temos conforto, isso eu falo para os meus filhos, nós não tivemos, vocês têm.

Sobre o tema da interferência nacional ao modo de educar Xetá, especialmente as condições econômicas impostas pela vida longe da mata, colonizada, do território invadido pela expansão capitalista, um dos filhos de Tikuein, o sábio Xetá, comenta que não tem estudo, pois passou a época de estudar viajando com o pai para trabalhar e buscar sustento para a família. Diz que não sabe ler quase nada, sabe assinar o nome e lê minimamente, sabe pouquinho coisa, sempre estava trabalhando para ajudar a alimentar os irmãos menores, hoje ele não tem estudo. Em compensação a riqueza da cultura, ela foi transmitida pelo pai durante a labuta. E disso ele se orgulha sem deixar de lamentar as dificuldades de não ter o conhecimento escolar letrado.

## A Educação Xetá como herança e resistência

O sábio Xetá, que acompanhou seu pai, quando criança e jovem, em excursões em busca de sustento para família, como trabalhador temporário (boia-fria) em plantações no estado do Paraná e Mato Grosso, afirma que:

O pai deixou uma parte de cada coisa com cada um. Comigo, o mais velho, depois do filho que é enteado, ele deixou a História Xetá; para meu irmão



mais novo que eu, ele deixou a língua; com os outros ficou a parte do estudo escolar. Ele dividiu em partes iguais. Ele deixou uma coisa boa para cada um. Para cada um, para preservar para as novas gerações.

E o caçula completa, “comigo o pai e a mãe deixaram a saúde, reservou a sabedoria de pegar remédio do mato, eu sei bastante coisa”.

É fácil perceber uma função pedagógica na atuação de ancião e guardião da Cultura Xetá, pois ele repartiu, dividiu como herança a riqueza cultural e a Educação Xetá, de modo a produzir na coletividade, interatividade entre os irmãos e irmãs, para cada um fazer bem-feito aquilo que foi dividido e, dá para arriscar um palpite, só pode ser alcançada sob a ótica de outra racionalidade, que prevê a coletividade nas partes e as partes na coletividade.

Nesse contexto, a professora Xetá conclui:

Na atuação pedagógica de meu pai, eu fico imaginando que, no meu caso, mesmo eu estando fora da reserva, quando me casei com um não indígena, ele nunca deixou de ir na minha casa. Depois de crescidos os filhos e filhas ele visitava regularmente a todos e todas. E quando ele visitava, ele sentava em volta do fogão comigo com minhas crianças e contava as histórias do nosso povo. Isso depois que eu casei, porque enquanto criança era tudo junto ele contava a nossa História para nós e manteve a tradição de transmissão oral, mesmo quando nos dividimos em novas famílias, agora com os netos e netas. Era um pai que dava atenção para todos, todas, ele não escolhia não, eram todos.

Para endossar ainda mais essa racionalidade que, na aparência, poderia ser considerada idêntica à racionalidade nacional, pois, num testamento que contenha a lista de patrimônios e riquezas a serem divididos para os herdeiros, podemos observar a mesma pedagogia: a divisão dos bens. Mas, na essência, observamos que essa postura, além de prever a divisão dos bens e patrimônios culturais, o que seria idêntico ao modelo nacional, simboliza estratégia de resistência.

Para ilustrar podemos dar o exemplo do recente incêndio do Museu Nacional, dia 2 de setembro de 2018, no Rio de Janeiro, que *reunia a identidade cultural de uma nação*. Uma vez destruída, como foi reunida em um único local, quase tudo se perdeu. Se ao contrário, tivesse sido reunida em partes, com políticas de acervo junto aos povos de

origem, as chances de uma perda nessas proporções seriam mínimas, seria infinitamente mais difícil a possibilidade de os acervos serem destruídos integralmente. Claro que sem deixar de formar acervos institucionais, que têm seu valor estético, ético e pedagógico. Mas esses acervos podem se constituir com base em memória fílmica, fotográfica e assim por diante, de modo a garantir que o patrimônio intelectual e cultural desses povos indígenas seja preservado e promovido pelos mesmos. Essa seria uma política pública de fortalecimento e empoderamento identitários, além de oferecer melhores garantia de preservação. Aliás, a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (ou *United Nations Declaration on the Rights of Indigenous Peoples* - UNDRIP), prevê no artigo 31 que:

1. Os povos indígenas têm o direito a manter, controlar, proteger e desenvolver seu patrimônio cultural, seus conhecimentos tradicionais, suas expressões culturais tradicionais e as manifestações de suas ciências, tecnologias e culturas, compreendidos os recursos humanos e genéticos, as sementes, os medicamentos, o conhecimento das propriedades da fauna e flora, as tradições orais, as literaturas, os desenhos, os esportes e jogos tradicionais, e as artes visuais e interpretativas. Também têm direito a manter, controlar, proteger e desenvolver sua propriedade intelectual sobre o mencionado patrimônio cultural, seus conhecimentos tradicionais e suas manifestações culturais tradicionais.

2. Em conjunto com os povos indígenas, os Estados adotarão medidas eficazes para reconhecer e proteger o exercício destes direitos. (ONU. Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, de 13 de setembro de 2007. Sexagésimo período de sessões Tema 68 do Programa Informe do Conselho de Direitos Humanos)<sup>7</sup>.

O Povo Xetá luta e resiste à extinção e destruição de suas bases culturais e negação de seus direitos de cidadania: o território tradicional, a língua, os mitos, a Educação Xetá, o direito à educação bilíngue Xetá, à aposentadoria Xetá assim por diante. Portanto, a divisão do seu patrimônio cultural (histórias e mitos, língua, medicina etc.) corresponde a um esforço de resistência e sobrevivência.

---

<sup>7</sup> Disponível em:

[https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB\\_institucional/DECLARACAO\\_DAS\\_NACOES\\_UNIDAS SOBRE\\_OS\\_DIREITOS\\_DOS\\_POVOS\\_INDIGENAS.pdf](https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/DECLARACAO_DAS_NACOES_UNIDAS SOBRE_OS_DIREITOS_DOS_POVOS_INDIGENAS.pdf). Acesso em: 09 de nov. 2018.

Sobre a forma de educar Xetá, transmitida por Tikuein, seu filho, considerado um sábio, recorda:

Na minha casa, eu lembro, todo dia ele estava lá, não passava um dia sem ir, e se eu estava fazendo meu serviço ele dizia: “Oh! Eu preciso que você faça ‘tal’ coisa para mim.” Eu largava minhas coisas e ia fazer para ele. Às vezes ele ia andar nos lugares, ele tinha o cavalo dele e eu tinha o meu. Ele me chamava e eu ia, cada pedacinho dessa reserva eu tenho uma lembrança dele, a recordação dele. O nome na língua de todos os meus filhos foi ele que deu.

E é preciso destacar que a Educação Xetá é viva porque Tikuein teve o cuidado de repartir o conhecimento e se dedicou a transmitir a cultura Xetá a cada um, a cada uma. Tikuein se dedicou plenamente, e a Educação Xetá foi transmitida porque Tikuein tinha noção de povo. Agora, o neto de Tiguá, uma das oito crianças sobreviventes que foram registradas pela etnografia brasileira (SILVA, 1998), vem lá de Douradina, Paraná, com sua vó, para beber dessa fonte de reconhecimento e riqueza Xetá. Partilhar esse conhecimento com a ã, outra sobrevivente à tentativa de extermínio, com primos e primas, tios, tias. É preciso observar traços de estratégias de resistência nessas atuações.

Antes, esse modelo de educação ocorria não porque havia as condições básicas necessárias para essa transmissão de cultura, mas como arma de resistência e existência. As condições econômicas, se for para considerar a escassez de recursos, poderiam ser impedimento para esse feito, que na narrativa dos filhos e filhas, netos, sobrinhos, enfim, do Povo Xetá, denota metodologia de atuação, intencionalidade educativa da parte de Tikuein. Na escassez de recursos materiais, manteve-se a riqueza de um povo. Eis o legado de Tikuein. Sobre isso, um de seus filhos confirma:

Eu, quando vou fazer palestra, dar entrevista, eu falo: “A maior riqueza que o nosso pai deixou para nós foi a transmissão do nosso povo, da língua, as histórias da História Xetá, porque dinheiro nenhum do mundo vai satisfazer ninguém, pois se ele deixou uma função para cada um. Cada um sabe de uma coisa, hoje é um quebra cabeça, que nós reunimos tudo, e que beneficia não só os irmãos, mas os netos, netas, sobrinhos, sobrinhas, os primos, primas. Porque também há alguns Xetá não os daqui, mas que sendo Xetá filho de Xetá, nem vou dizer quem é, mas que foi para outro lado e eu não sei por que e nem quero saber. É uma polêmica muito grande que eu tenho comigo,

porque se queremos preservar a cultura Xetá, a etnia Xetá. Porque está certo, como aquele dia que fomos a Brasília.

E, continua, sobre o tema da miscigenação, o que pode ser perfeitamente problematizado com conceitos como transfiguração étnica (RIBEIRO, 1989), culturas híbridas (CANCLINI, 2008) ou índios misturados (PACHECO FILHO, 1999):

O meu irmão mais velho que eu, casado com uma Guarani, o mais velho de todos, enteado de meu pai, casado com uma não indígena, é bem-vinda também. Meu irmão caçula, casado com uma Guarani, minha irmã que é professora Xetá, casada com não indígena, mas para nós é um índio puro, e sempre apoiou nossa causa, qualquer briga ele está junto, no bom sentido, no sentido da luta e resistência dos povos indígenas, nunca recuou. Eu fui casado com uma Kaingang, os meus filhos e filhas tive com ela. Hoje sou casado com uma Guarani, mas infelizmente com ela eu não tenho nenhum filho, só tenho a companhia dela. Só que de tudo isso que eu acabei de falar, nossos filhos e filhas, sobrinhos e sobrinhas, nossos primos e primas, nós falamos: “Nós somos Xetá!” e resistentes para briga, para luta, para o que der e vier. Porque o esposo de minha irmã que é professora Xetá, nunca vai dizer aos filhos: você tem que escolher um lado. Ou a esposa de meu irmão mais velho vai dizer isso. Só que daí a gente se identifica todos como Xetá. E meu irmão mais velho de todos e compadre, nosso mano, enteado de nosso pai, Xetá também. Os filhos dele é Xetá também.

E para que não haja dúvidas sobre a livre determinação Xetá, garantida por lei, no artigo 3 da Declaração de Direitos Humanos da ONU, esse filho de Tikuein arremata:

E tem uma coisa que eu sempre briguei e vou brigar, mestiço não existe. Mestiço é animal, você chega num chiqueiro e diz esse aqui é mestiço, você chega num estábulo e aponta um cavalo e diz: “Esse aqui é mestiço inglês, mestiço não sei o quê.” Nós indígena, não, ou você é indígena ou não é indígena. Ou aquele negócio de que raça de índio você é? Eu não sou animal, não sou cachorro, eu sou indígena. Hoje, você tem que se identificar com um povo indígena, de que etnia você é. Nós tivemos uma briga dentro do plenário lá em Brasília. Não foi nem a primeira vez que eu fui nem a segunda. Meu irmão caçula foi comigo duas vezes, nós tivemos um confronto muito grande. Para eles os indígenas são bandoleiros, uma ameaça para os deputados, como eu falei dia 20 de abril último [2017] na Comissão de Direitos Humanos e Democracia Participativa no Senado Federal: “Isso não pode acontecer, porque a gente tá mendigando uma coisa que é nossa.” Nós somos indígenas, os brasileiros somos nós. E hoje tem pessoa de fora que comanda. Fazer o quê? Infelizmente, a gente tem que aceitar. E quando a gente vai reivindicar um direito que estão tirando de nós, nós somos recebidos a bala de borracha, a paulada, bomba de gás. Nós somos uma ameaça muito grande para eles, eles pensam assim.

A professora Xetá destaca:

E, eu, penso assim, de um direito à terra que é nosso, eles tomaram de nós. E quando a gente vai reivindicar eles perguntam: “Por que eles querem terra?” Queremos a terra, o território que é nosso, eles tiraram da gente! Na verdade, eles são invasores, não somos nós.

No mesmo sentido, o filho de Tikuein, que acima refletiu sobre a miscigenação, lembrou o que disse a um senador em resposta à afirmação de que o direito à educação escolar indígena estava sendo plenamente respeitado:

Da fala de um assessor de Senador que afirmou: “A escola de vocês indígenas é diferenciada!” O Xetá protestou, dizendo: “É para vocês aqui, no Senado, porque para nós não. Isso não existe, pois já tivemos aqui vários problemas e temos até hoje. Questão de transporte, alimentação, que alunos aqui, já passou mal, porque nós não somos acostumados com esta coisa de enlatado, comida industrializada. Aquele tanto de banha na escola, e nós indígenas, não só nós indígenas, não somos acostumados com essa dieta, com esse tipo de coisa. Por que eles afirmam que nossa escola é diferenciada? Mas não é, isso é uma tremenda de uma mentira”.

“Eles que são diferentes”, afirma um jovem Xetá que, em visita à Terra Indígena (TI) São Jerônimo, buscava subsídios para participar de um documentário em que foi convidado a falar de sua condição como indígena Xetá na escola pública convencional. Ele completa o raciocínio dizendo: “Antigamente, antes deles a gente vivia, e não tinha ninguém doente.”

Sobre o tema da educação escolar diferenciada, a professora Xetá lembra:

Eu recordo, antigamente, na escola, nós levávamos nosso alimento, levava mandioca, levava chuchu, levava uma batata, daí sim, era o alimento ideal para os indígenas. Hoje eles dizem: “Não pode, tem que vir do governo”. Vem do governo, mas vem enlatado! Vem empacotado!

E no ato de narrar e contar histórias de resistência, no exercício de trabalho de memória que compõe sua identidade, ela destaca:

Eu já trabalhei um ano com meu irmão mais novo, como professor Xetá, eu era auxiliar dele. Agora eu sou a professora Xetá, com muito orgulho, com muito orgulho mesmo. Agradeço muito à Deus e ao meu pai, o nosso povo, que eu estou ali lutando, e eu quero que o meu sobrinho, que eu dou aula, e dou aula também para os meus filhos mesmo, que eles, elas dediquem a aprender a língua do nosso povo e é um orgulho imenso. E uma coisa eu vou falar: Eu só vou deixar de lutar por eles quando eu fechar os olhos, como

meu pai fechou. Enquanto eu estiver viva, Deus me der saúde, eu vou lutar pelo nosso povo, se Deus quiser, é um orgulho que eu tenho, dentro de mim, no meu coração mesmo. Nem sei como explicar o quanto eu sou muito feliz. E eu quero que eles aprendam.

No mesmo contexto do trabalho de memória atual e ancestral, o filho caçula de Xetá, o guardião da medicina Xetá declara:

Eu entendo que a Educação Xetá é preservar a cultura, resgatar a linguagem, e vamos lutar para não deixar morrer. Pois os mais velhos que ensinaram a gente, morreram, mas para nós eles não estão mortos. Estão todos vivos, eles convivem conosco no dia a dia de cada um de nós. E nós preservamos isso.

A professora Xetá conclui:

Vou falar com a fala de meu pai: “Hoje nós estamos aqui, e vamos ficando velhos e nós vamos morrer também e eu já vou preparando eles, já falo para eles: ‘Estudem!’” Tanto meus filhos, como meus sobrinhos. Porque hoje nós estamos aqui. Igual um dia o pai esteve, ele se foi e nós estamos no lugar. Só que eles têm que se preparar para ficar no nosso lugar. Para dar continuidade, com os netos e netas e, é isso. Eu deixo essa mensagem para eles, a mesma que o nosso pai deixou para nós.

*Isso é Educação Xetá!* O filho mais velho de todos, enteado de Tikuein diz: “Todas as histórias que o pai contava estão vivas dentro de mim, guardadas em meu coração, ele não morreu, meu pai está vivo dentro de mim.”

Um cântico ritual é entoado, normalmente só os homens e jovens Xetá podem cantar, no entanto, a professora Xetá pede para acompanhar e o irmão que herdou a língua a autoriza e todos e todas embaixo daquela árvore, num final de manhã de domingo, celebram sua cultura, sua história, sua memória. E a Educação Xetá resiste através daquele trabalho de memória a formar a identidade de seu povo.

## Considerações finais

A história de resistência e existência do Povo Xetá tem uma contribuição salutar a esse objetivo, visto que a condição de invisibilidade imposta por estatutos de verdade amplamente difundidos pelas mídias e instituições podem ser confrontados pelo

trabalho de memória e narrativas a denunciar o cinismo de um Estado opressor e colonizador.

O ato político de narrar e educar Xetá a promover a formação da identidade e sentido de pertença são o ponto de inflexão e resposta aos desmandos de um sistema, o capitalista - em seu estágio atual - que já foi considerado, por muitos, crime contra a humanidade. As populações indígenas denunciam amplamente, pelo seu modo e visão de mundo, sua racionalidade e ética, esses insultos à humanidade e destruição em massa.

Os debates no campo da ecologia endossam o que as populações indígenas clamam, seu patrimônio cultural e intelectual, que não apenas é roubado de sua gente, mas, ao se ignorar esses saberes e racionalidade, muito se tem prejudicado a sobrevivência do planeta e sua diversidade sistêmica (SILVA *et al.*, 2021).

A Educação Xetá, nesse sentido, desperta-nos para uma armadilha que o processo colonizador amplamente promove por séculos em nosso continente. Ao desconsiderar outros modelos de existência e impor apenas uma racionalidade como padrão globalizado de existência, se tenta destruir as possibilidades diversas de se promover vida, dignidade e conquista e manutenção daqueles Direitos Humanos consagrados há 70 anos, no contexto do final da Segunda Guerra Mundial, mas que atualmente se transfigura num processo desumano de impor uma racionalidade fascista e totalitária.

Conclui-se, portanto, que as reações a esses processos de desumanização podem ser empreendidas com tantos outros processos de resistência e partilha de experiências, identidades e memórias a transgredir esse padrão que se quer exigir como único possível e permitido. O registro e publicação dessas experiências de resistência é uma forma criativa e militante de contribuir para a luta e conquista dos Direitos Humanos.

## Referências

- BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EdUSP), 2008.
- OLIVEIRA FILHO, J. P. de. **Ensaio em antropologia histórica**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1990.
- MORI, N. N. R. **Memória e identidade: a travessia de velhos professores através de suas narrativas orais**. Maringá: Eduem, 1998.
- MORI, N. N. R. **Metodologia da pesquisa**. 2 ed. Maringá: Eduem, 2016.
- RIBEIRO, D. **Os índios e a civilização**. 1 ed. São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1989.
- SAID, E. W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SILVA, C. L., **Sobreviventes do extermínio: uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xetá**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc), 1998.
- SILVA, C. L., **Em busca da sociedade perdida: o trabalho da memória Xetá**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Brasília: Universidade de Brasília (UnB), 2003.

SILVA, Maria Angelita.; FERREIRA, Jarliane Silva.; MORI, Nerli Nonato. Identidade e Pertencimento: quando a natureza, sujeito de direito, promove o direito dos sujeitos. **Revista Videre**, Dourados - MS, v. 13, n. 27, p. 26-56, mai/ago. 2021.

SILVA, Maria Angelita D. da. **Memória e identidade do Povo Xetá**: narrativas visuais e memória coletiva no quadro da dispersão. Manaus: Edua; São Paulo: Alexa Cultural, 2020.

SILVA, Maria Angelita D. da. **Criança Xetá**: da memória da infância à resistência de um povo. 1 ed, Maringá - PR: Massoni, 2017.